

## DOSSIÊ: A ENUNCIÇÃO NA FICÇÃO

Reúnem-se neste número da **Revista Alere** artigos de autores de várias procedências (Universidade Federal de Rondônia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universidade Estadual Paulista, Universidade de São Paulo, Universidade do Grande Rio, Universidade do Estado de Mato Grosso, Universidad Autónoma de Nuevo León, Universidade de Évora), sobre o tema deste número, A enunciação na ficção. Entende-se aqui a enunciação conforme a definem Greimas e Courtès (**Dicionário de semiótica**, São Paulo: Cultrix, s/d, p.145-6): “seja como estrutura não-linguística (referencial) que subteme à comunicação linguística, seja como uma instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas). No primeiro caso, falar-se-á de ‘situação de comunicação’, de ‘contexto psicossociológico’ da produção dos enunciados, que tal situação (ou contexto referencial) permite atualizar. No segundo caso, sendo o enunciado considerado como o resultado alcançado pela enunciação, esta aparece como a instância de mediação, que assegura a colocação em enunciado-discurso das virtualidades da língua. Não

só, portanto, no sentido de nível mais superficial textual, mas a relação entre a obra em foco e as suas relações seja intertextuais, com textos de outros suportes, seja com o momento histórico de sua produção.

Abre o número o texto de Ismael Ângelo Cintra, sobre Machado de Assis. Analisa o romance **Esaú e Jacó**, pressupondo que, em termos de enunciação, esta obra esteja talvez mais próxima de **Memorial de Aires** do que de **Quincas Borba**. Isso porque o narrador ora parece identificar-se com a personagem (Aires), ora parece ser apenas a voz de um estranho. A questão fundamental a examinar é, por conseguinte, a constituição dessa fonte ambígua responsável pela enunciação. Ainda que se tome o alegado aproveitamento dos manuscritos apenas como recurso de composição artística, não é possível eliminar a presença da voz de Aires como uma espécie de parceiro da narração ao inventar, num passe metalinguístico quase impossível de descrever, um autor fingido de um memorial imaginário, que num jogo de espelho é visto dentro do mesmo, escrevendo-o. Machado fica à vontade para discutir os problemas referentes à composição do romance e toda a sua carpintaria, além de pôr a nu o próprio arsenal de representação da realidade.

A figura do narrador é também o foco de análise levada a cabo por Lilian Reichert Coelho: o objeto escolhido é **Cidade de Vidro**, a primeira novela de **Trilogia de Nova York**, do escritor estadunidense Paul Auster (1985). Com o objetivo central de verificar como as estratégias utilizadas são relacionadas ao gênero romance policial, a autora utiliza como instrumental analítico o proposto por Genette em **Discurso da narrativa**. Orienta-se “pela percepção de que o gênero-base é esgarçado na narrativa sob foco pela ação da figura do autor-implícito que pretende desenvolver uma reflexão filosófica e metalinguística, tomando como paradigma e, ao mesmo tempo, suplantando, Edgar Allan Poe. “

**Memórias de Lázaro**, de Adonias Filho, é o romance escolhido por João Luiz Peçanha Couto, preocupado em examinar

este escritor e sua obra sob a ótica da questão da “periferia”, ou seja, do se estar e se postar como em lugar de não-centro, em oposição, pois, à escrita canônica como central. Para isso, ele parte da premissa de que a obra “consiste na busca (*recherche*) do protagonista pela aceitação de sua própria morte, instaurada por via da linguagem. A morte, não (apenas) em seu sentido literal de extinção da vida, mas, sobretudo, como trampolim para a compreensão do processo de construção da linguagem ficcional e de seu espaço literário, segundo um ponto de vista blanchotiano.”[...] É dessa capacidade de a linguagem da literatura se afastar de um subjetivismo que a impossibilitaria, e rumar para sua própria ausência, para um espaço exterior e limítrofe, inegavelmente irmanado com a morte e desvinculado da positividade da referencialidade representativa, pois afirma a nulidade daquele que a gerou, que se valerá esta análise.”

**Do assum preto, do eunuco**, Tiekō Y. Miyazaki, defende o conceito de regionalismo não como subgênero literário mas como uma categoria operacional. Após uma breve incursão sobre a trajetória do termo na crítica e história literária, focaliza a enunciação em narrativas de distintos momentos como o lugar privilegiado em que a marca do regionalismo se manifesta, para, em seguida, analisar um episódio de **Sargento Getúlio**, de Ubaldo Ribeiro, para explicitar a originalidade deste romance no trato do regionalismo na enunciação.

“No centro da página há a foto de uma criança de calça curta e gorro feito com uma bola cortada pela metade — essa foto antecede ao conto “Era aqui”, de Luiz Vilela.” Assim se inicia o trabalho de Rauer Ribeiro Rodrigues **“Era aqui”, ficção e sociedade em um conto de Luiz Vilela**, cujo objetivo “é confrontar a narrativa à foto que antecede ao conto, explicitando o contexto da publicação”, ou seja, entendendo aqui enunciação em numa dimensão que vai além da puramente textual.

Na outra ponta do processo comunicativo se situa o artigo

de Daniele Ribeiro Fortuna, **O leitor entre a chinela e a cartomante**, que toma como foco o papel do leitor (implícito, modelo) no texto. Num texto bastante claro e didático, além dos ensinamentos de Umberto Eco, aplica os conceitos da teoria de recepção a dois dos mais bem conhecidos e estudados contos de Machado de Assis: “A chinela turca” e “A cartomante”.

**Dois irmãos**, de Milton Hatoum e **Rio das flores**, de Miguel Sousa Tavares, são cotejados por Rodirlei Silva Assis, em seu artigo cujo título - “Dois irmãos ou um ‘eu’ dividido” – aponta claramente o tema em foco. Ao tradicional tema do antagonismo entre dois irmãos se propõe, aqui, uma leitura metafórica de relações de aproximação e de distanciamento, não entre dois indivíduos, mas entre culturas distintas no espaço e no tempo da história brasileira.

Não mais restringindo-se ao tema da enunciação literária, ou pelo menos não privilegiando esse nível textual mas abrindo horizontes, os dois artigos seguintes apresentam como um centro comum a mobilização de mitos, em contexto mais amplo qual seja o histórico dos países em que as narrativas se situam, enlaçando-se, de certa maneira, com o texto mexicano sobre fotografia.

Com auxílio de Baudrillard, Barthes, Lasswell e Manuel Santiago Herrera Martínez e María Eugenia Flores Treviño, em **La imagen fotográfica: una mirada irónica en las genealogías, de Margo Glantz**, trabalhando com elementos semióticos e discursivos em uma fotografia da referida obra, pretendem rastrear as marcas que, a partir da ficção literária, se projetam na identidade cultural dos judeus.

Alejandro González Urrego analisa o romance de Tomás Eloy Martínez, **Santa Evita, a partir** da bipolaridade de sua protagonista em dois corpos: de um lado, o corpo vivo com seus delírios e sonhos, conscientes e inconscientes, os quais possibilitam entender melhor a Evita Perón; de outro, o corpo inerte, embalsamado, mas que, ao adquirir voz, se transforma em um significante povoado igualmente de sonhos e delírios. A análise de tais sonhos, delírios e obsessões,

do ponto de vista da psicanálise, é que o que propõe o estudioso como forma de entender os diferentes projetos sociais desta figura histórica.

Fabio Mario da Silva (da Universidade de Évora e pesquisador do CLEPUL da Univ. de Lisboa) nos apresenta um estudo sobre um dos grandes ícones do teatro português do começo do século XX, Virgínia Victorino, e sua relação com a política da primeira República, mostrando-nos um retrato cultural e social tendo em vista o olhar feminino sobre a sociedade portuguesa (lisboeta) naquele momento.

Fecham o presente número da revista, a entrevista com Maria Teresa Horta sobre a “escrita feminina”, concedida a Fabio Mario da Silva, autor também da resenha da obra **Adelaide Cabete**, de Isabel Lousada.

Desta forma enfeixados, os textos de análise convidam o leitor, especializado ou não, a um diálogo construtivo. As conexões estabelecidas resultam em alavancas de pesquisas e de reflexões críticas. Da arqueologia dos textos surgem outras vozes que assumem compromissos inevitáveis entre a arte e a ciência da linguagem, entre o inexplicável (e silencioso) mundo das singularidades e o universo teórico e científico que embasa as leituras.

OS EDITORES